

## O INSÓLITO NA NARRATIVA MACHADIANA, REPRESENTADO NO CONTO “UM ESQUELETO”

Oton Magno Santana dos SANTOS (UESC/UNEB)<sup>1</sup>

Patrícia Kátia da Costa PINA (UESC)<sup>2</sup>

O conto “Um esqueleto”, de Machado de Assis, publicado no *Jornal das Famílias*, em 1875, é uma metanarrativa na qual se encontram “dez ou doze rapazes” que, reunidos certa noite, falavam dos mais diversos assuntos relacionados às artes, letras e política. Cada rapaz expressa sua opinião a respeito dos temas tratados até que um deles exalta a beleza da língua alemã, afirmando tê-la aprendido com um tal Dr. Belém. A partir disso, outra história é contada, tendo como narrador principal Alberto, o conviva que falava aos demais. Na “segunda” história, Alberto relata a sua relação com o amigo Dr. Belém, a quem considerava excêntrico, mas, acima de tudo, seu amigo. De acordo com as informações do narrador, o Dr. Belém era um sujeito culto, com, aparentemente, sessenta anos, viúvo e que desejava casar-se novamente. Encontra uma candidata ao posto de sua esposa, a viúva D. Marcelina, que o despreza, inicialmente, mas depois o aceita. Ao concretizar o casamento, D. Marcelina compartilha com o narrador o assunto que dá título ao conto: o esqueleto. O Dr. Belém, mantém em casa um esqueleto da falecida esposa e o exhibe nos jantares em família, incluindo seu único amigo, Alberto. E, a partir daqui, passamos a acompanhar o depoimento do nosso narrador.

O objetivo desta comunicação é apresentar reflexões que possibilitem debates acerca do conteúdo e da forma do conto em estudo a partir de investigação acerca da ocorrência do insólito e de outros gêneros ou subgêneros relacionados à temática e como estes se configuram instrumentos de provocação ao leitor, a partir do século XIX.

Uma das primeiras observações que fazemos se refere à própria leitura do conto. Mesmo levando-se em conta a liberdade do leitor, percebemos um fio condutor que nos “propõe” uma leitura distante dos conceitos ou de formas adequadas. Ainda que trate de um tema “estranho” à normalidade, este não é imposto ao leitor como tal. Temos uma narrativa que possibilita ao leitor optar o tempo todo, isto é, exercitar a própria leitura “experienciando” os fatos.

Por outro lado, nos deparamos com um quadro incipiente no que se refere à produção e ao consumo de obras literárias até o século XIX, pois “(...) as obras selecionadas no passado sofriam um processo de interpretação que, inclusive, determinava quais as obras que deveriam ser valorizadas, quais as que serviriam como modelos de produção e recepção.” (PINA, 1995, p.15). O paradigma romântico consequentemente formava um inconsistente público leitor, isto é, quando tal público se configurava efetivamente leitor, pois “(...) a literatura produzida no Brasil dirigia-se a um público quase inexistente, em geral formado pelos próprios autores. Instituiu-se, então a prática da oralidade.” (Idem, 1995, p.17). Portanto, as formas de apropriação do literário eram determinadas por uma política nacionalista, nesse caso, representada pelos intelectuais engajados em tal projeto. Tem-se, então, um perfil do leitor que se formava: mediado por obras selecionadas as quais tratavam de temas condizentes a uma realidade idealizada e pela necessária retórica de um orador. Além disso, o número de indivíduos alfabetizados e com condições financeiras de comprar livros e periódicos era exíguo, por isso, “o sucesso” da oralidade. Segundo Tania Ferreira,

O número de leitores não era tão abundante, considerando-se os níveis de analfabetismo na época, mas se revelava promissor. A partir da Imprensa Régia deu-se uma reviravolta na quantidade e na qualidade das obras introduzidas no Brasil e mesmo aquelas que constavam

---

<sup>1</sup> Oton Magno Santana dos Santos é graduado em Letras (2000) pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-BA), especialista em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e Mestrando em Letras, pela mesma universidade e professor Auxiliar de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa da Universidade do Estado da Bahia (Brumado-BA). Atualmente participa do grupo de Pesquisa História da Literatura e História da Leitura. E-mail: [otonmagno@gmail.com](mailto:otonmagno@gmail.com)

<sup>2</sup> Patrícia Kátia da Costa Pina é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2000). Professora adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, onde desenvolve projeto de pesquisa relacionado às questões sobre leitor e leitura, bem como à literatura. E-mail: [dacostapina@gmail.com](mailto:dacostapina@gmail.com)

das listagens de livros proibidos, segundo os controles e critérios das autoridades portuguesas, passaram a circular com certa facilidade. (FERREIRA, 1990, p. 02)

Percebe-se, portanto, que o quadro social provoca o surgimento de leitores condizentes com as práticas culturais em voga, isto é, um público heterogêneo mediado pelas trocas simbólicas. Além disso, por ocasião da Independência do Brasil, o projeto nacionalista dividia opiniões: de um lado, os defensores de uma recém-formada nação, de outro, portugueses ou filhos de portugueses os quais apresentavam gosto por obras que não estavam inseridas no referido projeto, por serem estrangeiras. Mas, ao contrário do que sonhavam os nacionalistas, as parcerias aumentaram no que diz respeito ao consumo de livros, entre Brasil e Portugal, sobretudo e outros países. O leitor, por conseguinte, em muitos casos, era uma incógnita, pois muitos dados desconhecidos são percebidos desde o gosto até a aquisição de determinadas obras.

(...) ao longo do século XIX foram constantes as trocas culturais, comerciais e as iniciativas que preservaram as atrações entre brasileiros e portugueses, sobretudo diante da necessidade de se administrar a chegada de contingentes imigrantes em número significativo. (Idem, 1990, 05)

Machado de Assis, ciente de tais transformações, oferece uma literatura não apenas para entreter, mas para desafiar os seus possíveis leitores, propondo, a esse público, novas formas de apropriação do literário, isto é, oportuniza com suas histórias a criação de vários públicos leitores os quais seriam independentes para formular suas próprias estratégias a partir do que lia. “(...) sua postura em relação ao público de literatura aparece bem transformada. Pode-se dizer que ela se ‘desromantiza’, no sentido de que desaparece o arrebatamento retórico do crítico preocupado em ilustrar o povo e as massas e afirmar o caráter missionário da arte e da literatura (GUIMARÃES, 2004, P. 116)

Por isso, entender os papéis que o leitor machadiano assume, especialmente na leitura do conto em voga, ilumina aspectos silenciados da sociedade da época e ajuda a construir simbolicamente o perfil do leitorado oitocentista brasileiro. Entendemos que o leitor lia de diversas formas e estas não eram catalogadas, muitas vezes por falta de interesse e outras por não atenderem ao perfil de leitor que se pretendia, naquele momento.

As práticas institucionalizadas de leitura, dentre as quais se destacam segundo Márcia Abreu (2001, p. 02), “(...) a escuta dos textos, sua memorização, o reconhecimento, nas letras impressas no papel, do texto repetidas vezes ouvido, sua recitação para si ou para um grupo” procuravam determinar as formas de apropriação do material impresso. E aí, entenda-se: concepções éticas, morais, econômicas, sociais, religiosas etc. Em outras palavras, estavam cristalizados o uso e o reconhecimento das práticas leitoras e atender a tais requisitos era condição para se ter acesso aquele bem:

É relativamente recente também a idéia de que o bom leitor é o que lê muitos e variados textos. Durante séculos a quantidade de impressos disponível era pequena, seu preço, elevado, e o livro, muitas vezes, sacralizado - mesmo que não tratasse de tema religioso. O bom leitor era aquele que lia pouco, lia com frequência e meditava muito sobre os escritos. (idem, 2001, 02)

Tais comportamentos foram disseminados pelo país no século XIX. A leitura era potencialmente controlada. No entanto, por conta de contatos estabelecidos com outras culturas, pela criação de laços cada vez mais significativos com o material impresso, o leitorado cria outras formas para se apropriar de um determinado texto, revelando que as novas práticas independem da política, são reações culturais coletivas às provocações do tempo e do lugar.

Dessa forma, configuram-se o quadro social e o surgimento de uma relação com a leitura que se delineia a partir desse momento. Resultante desse processo, o leitor machadiano é “convidado” a criar suas próprias estratégias de leitura. E a partir daí, o mundo representacional do leitor tende a tornar-se cada vez mais amplo, a partir das sugestões contidas no corpo da obra.

A obra machadiana, ao longo do século XIX, é responsável pela criação de tipos de leitores que não se identificam pelo gênero, talvez bem mais por classes sociais, mas independentemente de *status* ou posição social, têm em comum o exercício de posturas mais críticas e mais exigentes na relação com a leitura, aquele que a vê como discurso, possibilidade de entender e explicar o que extraiu de determinado texto. Além disso, propõe ao leitor uma revisão em relação à construção da ficção literária da época, isto é, desconstruir as bases conceituais de formação romântica. A partir dos narradores, Machado transforma o seu leitor num interlocutor especial, um colaborador da sua obra. Por isso, os seus narradores

(...) lançam mão dos esquemas e preceitos dominantes para demonstrar sua artificialidade e impropriedade, minando alguns procedimentos do romantismo desde dentro e procurando transformar o leitor, se não num anti-romântico, pelo menos num receptor crítico da literatura romântica (GUIMARÃES, 2004, p.126)

No conto “Um esqueleto” o leitor é convidado a experimentar a leitura, isto é, participar da história contada pelo narrador Alberto, funcionando como uma espécie de co-autor da supracitada história. Sabendo-se “dependente” de um parceiro, o leitor, o narrador cerca-se de estratégias para conseguir seu objetivo. Primeiro, fala da importância do aprendizado de um idioma estrangeiro, depois de quem o possibilitou tal contato, o Dr. Belém, e depois, da função social deste. Em seguida, descreve as características do sujeito, não sem antes exprimir sua concepção a respeito do mesmo:

Desculpem-me este silêncio, não posso lembrar daquele homem sem que uma lágrima teime em rebentar-me dos olhos. Era um excêntrico, talvez não fosse, não era decerto um homem completamente bom; mas era meu amigo; não direi o único mas o maior que jamais tive na minha vida (MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 815)

Tanto o leitor quanto os demais convivas, certamente, conceberam uma imagem do Dr. Belém com base não só nas descrições, mas principalmente em como estas foram postas por Alberto. Eis o porquê do cuidado em como apresentar o conteúdo da narrativa. Após ter “preparado” o leitor é que conhecemos o que julgamos ser o principal assunto do texto: “Para lhes mostrar a excentricidade do Dr. Belém basta contar-lhes a história do esqueleto.” (Idem, 1985, p. 815). As informações desfilam gradativamente à medida que o narrador vai “testando” os seus receptores. “A palavra *esqueleto* aguçou a curiosidade dos convivas; um romancista aplicou o ouvido para não perder nada da narração; todos esperaram ansiosamente o esqueleto do Dr. Belém.” (Ibidem, 1985, p. 1985). A partir daí, os convivas e o leitor acompanham os fatos narrados dispondo dos elementos permitidos pelo narrador para compreenderem o que lêem. Ao não explicitar, desde o início, de que trata sua história, Alberto faz uso de estratégias as quais regulam as formas de apropriação por parte dos receptores, pois

(...) devem existir no texto complexos de controle, pois a comunicação entre texto e leitor só tem êxito quando ela se submete a certas condições. Estes meios de controle, no entanto, não podem ser tão precisos quanto numa situação de face a face, nem tão determinados como um código social que regula a interação didática. A eles, portanto, cabe levar a interação entre texto e leitor a um processo de comunicação, no fim do qual aparece um sentido constituído pelo leitor, dificilmente referenciável, que, no entanto, contesta o significado de estruturas de sentido anteriores e possibilita a alteração de experiências passadas. (ISER, 1979, p.89)

Porém, a “regulação” a qual o narrador faz uso não é explícita. Por isso, a necessidade de um leitor colaborador. Como elemento constituinte de qualquer história, deve “perceber” certos recursos presentes nos textos para no final, apresentar novas possibilidades a respeito do que leu, ou seja, não é apenas ler, mas experienciar o que leu.

Como dissemos anteriormente, o leitor do século XIX é fruto de diversas práticas sociais. Contando com isso, os narradores do conto em estudo optaram pelo desafio à “leitura permitida”, isto é, propõem um sutil paradoxo aos seus receptores que surpreende o senso comum, criando novos protocolos de leituras como desafio ao leitor oitocentista: um sujeito culto que tinha “instrução variadíssima, compusera um romance, e um livro de teologia e descobrira um planeta...” (MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 814), que mantinha em sua casa o esqueleto da esposa. A partir da normalidade se revela a anormalidade. O fato dos convivas e o leitor se detiverem mais à leitura quando a palavra *esqueleto* é mencionada nos chama atenção para o fato de considerarmos absurdo um sujeito “bem posicionado” socialmente, um intelectual, ter um hábito tão estranho.

A resposta poderia ser encontrada nas práticas sociais vigentes em nossa sociedade, pois as mesmas tendem a impor uma verdade legitimada por seus próprios processos civilizatórios. Em outras palavras, aprendemos com os conceitos a definir e enquadrar pessoas, palavras e tudo mais com que lidamos. Automaticamente, qualificamos o que é positivo ou negativo e, dificilmente, vacilamos se uma coisa pode ser outra ou se outra pode ser uma.

Lidar com o insólito é lidar com a perplexidade. O leitor é “ofertado” não apenas com uma história, mas com um processo narrativo onde a história contada é apenas um ingrediente do que se tem em mãos. Desse modo, “a recepção do insólito está, a princípio, condicionada à sua constituição na narrativa, ou seja, depende dos recursos de linguagem utilizados pelo autor na emissão do discurso”. (GARCIA, 2008, p.11).

Portanto, cabe ao leitor interpretar as estratégias à medida que o narrador as apresenta. Por outro lado, lembramos que diferentemente dos textos tradicionais, este lida com o absurdo, anormal, estranho. Logo, o leitor, ao experienciar a história em voga, desafia suas próprias concepções sobre o mundo e questiona os conceitos relacionados à sua atividade.

Mas para se chegar a tal posicionamento, é necessário compreender o objeto de tais análises, a etimologia dos termos que o definem e a razão de sua existência. Em outras palavras, qual a concepção de insólito a partir da leitura do conto “um esqueleto”? Primeiro, entendemos, conforme Carlos Reis definiu, tratar-se de um *macro-gênero*, associado a outros gêneros ou sub-gêneros que “dialogam” entre si. Neste conjunto, encontramos o “Fantástico”, o “Estranho” e o “Maravilhoso”, definidos por Todorov. Para ele, “o fantástico ocupa o tempo da incerteza”. O leitor é sempre levado a optar entre aceitar determinados fatos como estranhos ou tentar explicá-lo. “Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1981, p.15)

De posse de tais definições, o leitor configura-se numa espécie de inquisidor do material narrativo, pois entram em choque as formas tradicionais de apropriação que aprendeu a manusear e as novas práticas fornecidas pelas estratégias presentes no conto. Assim como o narrador Alberto, o leitor também “experiencia” as mesmas sensações vividas por aquele:

Levantou-se; levantei-me também. Estávamos assentados à porta; ele levou-me a um gabinete interior. Confesso que ia ao mesmo tempo curioso e aterrado. Conquanto eu fosse amigo dele e tivesse provas de que ele era meu amigo, tanto medo inspirava ele ao povo, e era efetivamente tão singular, que eu não podia esquivar-me a um tal ou qual sentimento de medo. No fundo do gabinete havia um móvel coberto com um pano verde; o doutor tirou o pano e eu dei um grito. Em um armário de vidro, tendo dentro um esqueleto. (MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 816)

A perplexidade de Alberto traduz-se em igual perplexidade causada no leitor e nos demais convivas quando o Dr. Belém apresenta o esqueleto como sendo de sua esposa. Trata-se de um nobre sujeito, portanto, ele é descrito pelo narrador como um ser excêntrico e não um louco, isto é, seria “normal” um louco manter um esqueleto em casa, mas um sujeito como o Dr. Belém, não. Ao fazer tal opção, Alberto, mesmo estarecido, não se afasta do amigo, preferindo acreditar tratar-se apenas de excentricidades, isto é, demonstra conhecer apenas as leis naturais e, portanto, prefere buscar justificativas com base nas convenções.

No entanto, a dúvida o acompanha e atinge o clímax quando num jantar com o Dr. Belém e sua então esposa D. Marcelina, a viúva que desposara, presencia algo para ele aterrador.

Mas qual não foi a minha surpresa ao chegar à porta? O doutor estava de costas, não me podia ver. A mulher tinha os olhos no prato. Entre ele e ela, sentado numa cadeira vi o esqueleto. Estaquei aterrado e trêmulo. Que queria dizer aquilo? Perdia-me em conjeturas; cheguei a dar um passo para falar ao doutor, mas não me atrevi; voltei pelo mesmo caminho, peguei no chapéu, e deitei a correr pela rua fora. Em casa, de meu cunhado todos notaram os sinais de temor que eu ainda levava no rosto. Perguntaram-me se havia visto alguma alma do outro mundo. Respondi sorrindo que sim (...) (MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 820)

O ato de Alberto, a fuga da inesperada cena, demonstra que o mesmo preferiu o silêncio à experiência. Consequentemente, o leitor experimenta a mesma situação. Ainda que curioso com o desenrolar dos fatos, lidar com o imprevisível, o que não é explicável pelas leis ditas naturais sempre causa medo, por isso, a opção pelo silêncio. Em outra situação, o nosso narrador “permite” que sua curiosidade direcione o rumo dos seus atos. Depois da visão assustadora que tivera, Alberto desaparece. O Dr. Belém estranha o sumiço do amigo e o procura, convidando-o a visitá-lo. A contragosto, mas curioso, Alberto aceita a proposta, inclusive ficando para o almoço:

Sentamo-nos à mesa; o esqueleto ficou entre ele e D. Marcelina; eu fiquei ao lado desta. Até então não pude dizer palavra; era porem natural que exprimisse o meu espanto.  
— Doutor, disse eu, respeito os seus hábitos; mas não me dará a explicação deste?  
— Este qual? disse ele.  
Com um gesto indiquei-lhe o esqueleto.

— Ah!... respondeu o doutor; um hábito natural; janto com minhas duas mulheres. (MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 821)

O questionamento de Alberto é o questionamento do leitor empírico que precisa de explicações lógicas para todos os sinais com os quais lida cotidianamente, pois habituou-se a não somente buscar as explicações mas também a lê-las, isto é, vê-se como referência e como tal, precisa basear-se em algo sólido para se compreender. Portanto, é natural que estranhe um sistema macro, dialético e dialógico como este que se apresenta.

Gradativamente, Alberto vai do conceito à questão experimentando um novo mundo composto de paradigmas particulares e estranhos ao que lhe foi fornecido. Projetando-se no narrador, o leitor também pode delinear o seu próprio caminho. Ao invés do comportamento habitual que busca decifrar todos os enigmas presentes na narrativa, tem-se um leitor que vai além: vive as emoções contidas naquele texto, independente de suas concepções instauradas a partir das formas institucionalizadas de apropriação.

Percebendo tal complexidade, o leitor pode ressignificar o mundo da mesma forma que o faz Alberto após os inúmeros questionamentos feitos ao Dr. Belém, que por sua vez, responde sempre com uma crítica aos hábitos convencionais. Na situação em que estão à mesa, Alberto, o doutor, D. Marcelina e o esqueleto, o convidado exprime seu espanto ao amigo:

— Confesse ao menos que é um uso original.  
— Queria que eu copiasse os outros?  
— Não, mas a piedade com os mortos... (...)  
— O senhor fala de uma piedade de convenção; eu sou pio à minha maneira. Não é respeitar uma criatura que amamos em vida, o trazê-la assim conosco, depois de morta?  
Não respondi cousa nenhuma a estas palavras do doutor. Comi silenciosamente a sopa, e o mesmo fez a mulher, enquanto ele continuou a desenvolver as suas idéias a respeito dos mortos. (Idem, 1985, p. 821)

As concepções de Alberto são combatidas eficazmente pelo doutor. Trata-se de um choque de realidades. Ao questionar, Alberto busca respostas. No entanto, o doutor ao invés de atendê-lo, redimensiona os questionamentos. Segundo Manuel Antônio de Castro (2007, p. 9) “toda questão é sempre paradoxal e todo conceito é a tentativa de circunscrever e anular o paradoxo. Este move-se num interstício onde o par questão/conceito acontece.” O doutor Belém percebe o questionamento como possibilidade da experiência, um desafio às normas e convenções, enquanto seu amigo entende a questão como forma de apreender conceitos e significações.

Desse modo, construímos o nosso próprio paradoxo. Entendemos por leitor empírico aquele que busca explicações com base em suas próprias concepções. O leitor idealizado por um texto como o que analisamos, certamente, apresenta outro comportamento: vivencia, questiona e aceita o pacto ficcional proposto pelo narrador. Por sua vez, o nosso narrador “propõe” ao longo da narrativa um caminho diferente. Ele “guia” o leitor de forma que este embarque na aventura de procurar as respostas. Ora, se as questões “não se explicam, experienciam-se”, o narrador pregou uma peça nos convivas e no leitor.

Ao confrontarmos o comportamento dos personagens em estudo, percebemos que o Dr. Belém apresenta as características que mais se aproximam de um leitor perspicaz, constituinte de uma trama ficcional: “o doutor abraçou o esqueleto e afastou-se de nós. Corri atrás dele; gritei; tudo foi inútil; ele metera-se no mato rapidamente (...)”. (Ibidem, 1985, p. 826). Temos, por conseguinte, um sujeito avesso às convenções não por ignorá-las, mas por conhecê-las profundamente, prefere desafiá-las, criando seu próprio mundo, tanto que pratica um crime e não é punido.

Todavia, o que Castro denomina experiência não é restrito apenas ao doutor. Alberto, ao concluir a história, mostra outra faceta: vai de um curioso sujeito que se escandalizara com os hábitos do Dr. Belém a um sujeito enigmático e provocador e, por conseguinte, também experiencia:

Alberto acabara a história.  
— Mas é um doudo esse teu Dr. Belém! exclamou um dos convivas rompendo o silêncio de terror em que ficara o auditório.  
— Ele doudo? disse Alberto. Um doudo seria efetivamente se porventura esse homem tivesse existido. Mas o Dr. Belém não existiu nunca, eu quis apenas fazer apetite para tomar chá. Mandem vir o chá.  
É inútil dizer o efeito desta declaração. (Ibidem, 1985, p. 826)

Enfim, experienciamos junto com o nosso narrador, pois “a questão do *insólito* se torna sempre estranha porque não se pode *explicar*, mas só *experienciar* (...) quem está de fora e não acredita tenta sempre explicar, mas quem *experiencia* o *insólito* experiencia e não tenta explicar.” (CASTRO, 2007, p. 14). Entendemos, portanto, que o momento de hesitação configurou-se durante toda a narrativa e no final, ao invés de optar-se por algo convencional, apresentou-se a possibilidade da experiência. Assim como Alberto teve sua oportunidade e a utilizou, o leitor e os convivas também a tiveram: Preferimos acreditar na história contada por Alberto buscando explicá-la didaticamente ou *experiencia-la*? Ou ainda, enquadrar o conto “um esqueleto” como fantástico, maravilhoso ou estranho de acordo às denominações de Todorov ou preferimos continuar navegando na narrativa ficcional experienciando e reinventado formas de apropriação? Cabe ao leitor decidir.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. *Quem lia no Brasil colonial?*. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Intercom, Campo Grande/MS, 2001.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Um esqueleto in: COUTINHO, Afrânio (org.). *Obra Completa, vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1985.
- CASTRO, Manuel Antônio de. A realidade e o insólito. In: GARCIA, Flávio (org) *Narrativas do insólito*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008.
- FERREIRA, Tania Maria T. Bressone da Cruz. *Livros e Sociedade: A formação de leitores no século XIX*, Rio de Janeiro,:ANPUH/Taurus-Timbre, 1990.
- GARCIA, Flavio. O insólito na construção da narrativa. In: GARCIA, Flávio. MICHELLI, Regina. PINTO, Marcello de Oliveira. (orgs). *Poéticas do insólito*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: COSTA LIMA, Luis. *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Machado de Assis – A crítica da literatura e o desvio da polêmica*. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.